

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 1 DE FEVEREIRO DE 1980

**“Leva-me para a rocha
que é alta demais para mim.”**

—Salmo 61:2

ALTITUDE
1700 M.



LEMBRAI-VOS DOS PRESOS

O sistema correcional de quase todo o mundo criou prédios de aspecto sinistro em que homens e mulheres cumprem penas. Não são coisa nova na face da terra. Santos e corruptos experimentaram este tipo de punição, desde épocas remotas. O profeta Daniel foi encerrado na cova de leões; o pregador Jeremias, lançado num poço; João Batista, numa masmorra; Tiago, Pedro e tantos mais conheceram o cárcere, que também abrigou salteadores como Barrabás.

O livro de Hebreus acrescenta à mordomia do crente esta responsabilidade: "Lembrai-vos dos presos, como se estivéssemos presos com eles, e dos maltratados, como se sendo-o vós mesmos também no corpo" (13:3).

Opina-se que o autor se referia, particularmente, a vítimas de perseguição político-religiosa.

O fanatismo, de qualquer tipo, fomenta a opressão. Infelizmente, o próprio cristianismo não está isento de excessos que, sufocando o espírito do Senhor, vitimaram milhares. Sempre que se verificou isso, teve a presença de tudo . . . menos de Jesus. Ele ditou o amor, até ao inimigo, como regra de prática dos que conhecem a Deus. Foi e continua sendo este o distintivo do Reino.

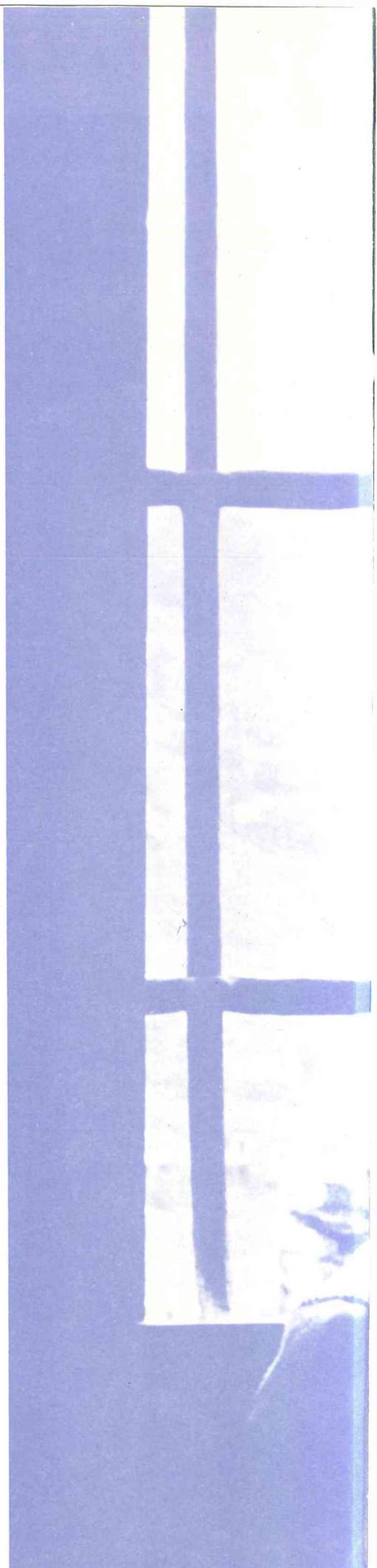
Será para a Igreja um mistério a solver no dia do Juízo, o padecimento de justos e a repressão de esforços santos. É certo que, vistas à distância, as "desgraças" da Igreja Primitiva trouxeram bênçãos incontáveis ao cristão de hoje. Sem as prisões de Paulo, não teríamos as suas cartas tão práticas e vitais. Nem suspeitaríamos da têmpera dos homens e mulheres do passado a quem a fé exigia mais do que a frequência ao templo, uma esmolinha aqui e acolá ou um ar piedoso na hora da récita de orações batidas. Ruas de cidades e o chão de muitas arenas ficaram manchadas de sangue teimoso dessa gente: preferiram perder a vida a perder a visão celestial.

O Cristianismo autêntico é tão dinâmico que provoca comições e choques. Tem sensibilidade e envolvimento social. Mas os cristãos foram sempre gente ordeira. Só se rebelaram, e ainda rebelam, quando forças loucas se divinizam e tentam banir a voz e a supremacia de Cristo. Em tais ocasiões, renasce o grito do apóstolo Pedro: "Mais importa obedecer a Deus do que aos homens".

E, assim, algumas prisões continuam apinhadas.

Demos graças por homens e mulheres que tiveram, e ainda têm, a coragem de sacrificar o conforto e o convívio familiar por sua lealdade aos padrões de Cristo. Do fundo dos cárceres, são mais livres que seus carcereiros. □

—Jorge de Barros





VIVER E DAR

—Orville W. Jenkins
Superintendente Geral

Num dos Seus sermões, Jesus recomenda que cada pessoa pondere cuidadosamente os valores eternos e os temporais, e como passar os dias na terra. Ele condena, especialmente, a baixeza e a hipocrisia da vida superficial. Previne contra o perigo de viver só para as coisas passageiras e terrenas deste mundo. Fala do materialismo que dominava as mentes e os corações do povo daquele tempo e que, ainda hoje, atrai e escraviza a humanidade. As Suas palavras continuam a ser um apelo quando diz: "Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam" (Mateus 6:19). Elas eram para os homens do Seu tempo, mas a verdade também é para nós.

Noutra ocasião, Jesus declarou: "A vida de qualquer não consiste na abundância do que possui" (Lucas 12:15). Quando vivemos unicamente para as coisas materiais, elas aguçam a nossa cobiça.

O milionário J. D. Rockefeller explica que a procura de bens materiais fomenta um espírito possesso. Quando interrogado acerca de quanto dinheiro é preciso para satisfazer alguém, ele respondeu: "Um pouco mais". Se vivermos para as coisas deste mundo, procuraremos o que é temporal e não eterno. Viveremos para o momento presente e não para a eternidade.

Jesus aconselhou ter em vista o Céu, ao declarar: "Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam" (Mateus 6:20). Nós cremos e praticamos o sistema de dizimar, não como lei, mas por amor a Cristo e à Sua Igreja; e, assim, amalhamos tesouros no grande banco de que falou Jesus.

Certo dia, o Mestre observou o povo que depositava as suas ofertas no cofre do Templo e viu uma pobre viúva que apenas deitou duas moedas. Elogiou-a, porque ela dera quanto tinha.

Daqui concluímos que o nosso viver e dar, de acordo com o que explicámos, é medido à luz da eternidade. Sejamos fiéis à nossa mordomia. □

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume IX
Número 3
1 de Fevereiro de 1980

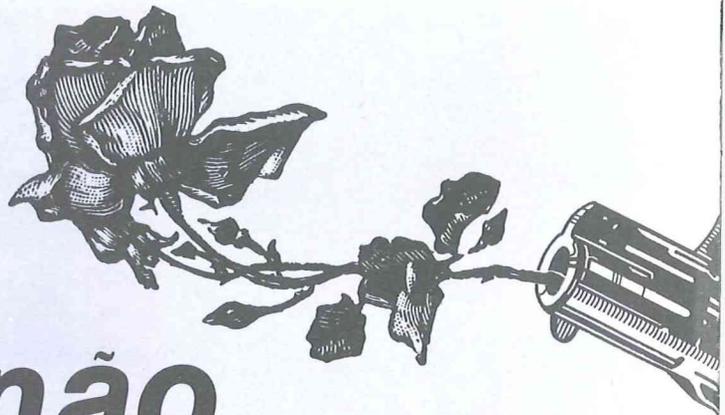
H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.0. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



CAPA: Vulcão do Fogo, Cabo Verde.
Alt. do cume, 2 829 m.
Foto por J. B.



“não furtarás”

É raro o dia em que os jornais não tragam reportagens de roubos. Descrevem assaltos a bancos e residências, com actos de vandalismo ou simples desfalques. Alguns furtos espectaculares chegam a despertar durante semanas e meses as maiores atenções. Diz-se que há mil maneiras de roubar, mas uma só de ser honesto. Os roubos são perpetrados de diferentes formas. As lojas e mercados são os mais atingidos. Por isso, os preços já reflectem o aumento de três a sete por cento proveniente de perdas que todos nós temos de pagar.

Os assaltos a bancos e casas residenciais têm aumentado, em parte, devido à necessidade de dinheiro dos drogados, para satisfazerem os seus vícios.

Levar “lembranças” de restaurantes, hotéis e outros estabelecimentos similares é roubar. Nem por gracejo devemos fazê-lo. Certa firma anunciou que se haviam extraviado dez mil peças de prata, furtadas por clientes.

Outra forma de roubo é copiar nas escolas durante os exames e provas escritas. O rigor do castigo depende da disciplina de cada instituição. Num inquérito descobriu-se que 60 por cento dos estudantes interrogados, copiavam; e cerca de 80 per cento de-

clararam não achar mal em fazê-lo.

Enganar em impostos e contribuições é roubo de adultos. Alguns desculpam-se que não se notará a diferença entre o que pagam e o que deviam pagar. Contudo, não deixa de ser furto.

Nos sindicatos, empresas de operários e organizações (incluindo igrejas) existe fraude nos relatórios de trabalho que se não fez, ou foi mal feito, e pelo qual se recebeu remuneração. Evidentemente, são roubos, violação dum mandamento, quer descobertos ou não.

Outro modo subtil de furtar é deteriorar a mercadoria, encobrir seus defeitos ou má qualidade. Não importa que seja feito num estabelecimento de luxo da cidade, ou na loja mais modesta do bairro.

Mesmo que os roubos não cheguem a ser descobertos pelas autoridades ou publicados pela imprensa, Deus sabe. Ele diz a quem desobedece à Sua Lei: “Porém, sentireis, quando vos achar o vosso pecado” (Números 32:23). O roubo acabará por ser descoberto aqui ou na outra vida; é violação dos direitos alheios e pecado contra a Lei de Deus.

Um roubo raramente castigado neste mundo é o que se pratica contra Deus. Malaquias 3:8 diz:

mordomia é investimento

—H. T. Reza

O nosso conceito de mordomia é às vezes fragmentário, para não dizer extravagante.

Não se menciona a palavra sem se pensar no dinheiro e no dízimo, com temor de, por falta de fidelidade, se estar a roubar a Deus. Refiro-me aos membros de igreja.

A fim de suavizar o peso da acusação, começou-se há cerca de 40 anos a falar e a escrever sobre a mordomia dos talentos. Proporcionava escapatória aos que discordavam em contribuir com dinheiro.

Mas, como qualquer pessoa se podia desculpar da falta de talentos, pouco se adiantou. Porém, mais tarde, foi aceite a ideia de que pelo menos um talento toda a gente tem; e, por consequência, existia responsabilidade.

Ultimamente a ideia de que o tempo também é um dom a administrar, fechou a porta a subterfúgios; pois tudo na vida está incluído no dinheiro, tempo e talentos.

No entanto, a dificuldade não está em rejeitar a definição, mas em interpretar mordomia.

Tomemos, por exemplo, a parábola dos talentos narrada no Evangelho de Mateus. O castigo não foi devido à herança ser grande ou pequena; nem se ligava a tempo disponível; nem à capacidade de negociar. A solução estava em pôr o dinheiro a render. Uns fizeram-no e lucraram. Outros tiveram receio e perderam.

Além disso, não se tratava de ganhar prestígio ou reputação —coisas intangíveis. Mas ambos ficaram explícitos. O dinheiro, tempo e talentos não rendem sem, duma forma ou doutra, entrar em causa a reputação. Todo o investimento de capitais traz prestígio. Mordomia é investimento.

Poderemos explicá-lo com respeito a Deus e ao que possuímos? A relação é óbvia: temos dinheiro, porque gastámos tempo e talentos. Os três correlacionam-se: malgastando um, desperdiçamos os outros. Como renderá mais o nosso dinheiro, dando-o a Deus ou gastando-o nas coisas do mundo? Se mordomia é investimento, saber onde e como investir é lealdade e amor.

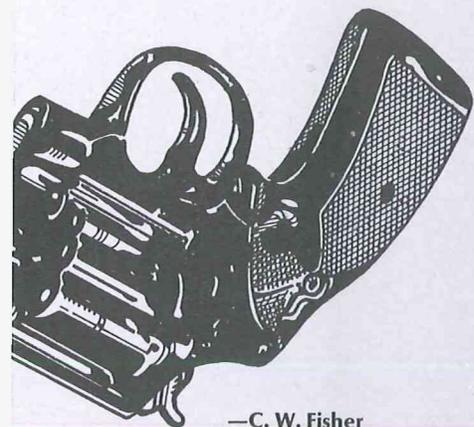
Se você crê que dar dinheiro a Deus é desperdiçá-lo, está errado. Ninguém o pode usar melhor do que Deus. Ele entregou o próprio Filho para ganhar a humanidade.

E, se pensa que gastar tempo em fazer bem é desperdiçá-lo, algo está em si errado, pois o pecado rebaixa o homem a nível de trapo imundo.

Sobretudo, se você reprova pôr os talentos a render, defende a preguiça. E o ser humano não veio a este mundo para “engordar e dormir”, mas para trabalhar.

O seu problema é com Deus, não com a igreja e sua administração. Deus não pede que você dê aos homens ou a organizações, mas a Ele. Assim, quando se põe algo no prato das ofertas, ou se faz bem a alguém, não é porque a igreja ou essa pessoa o merecem, é por Deus. O que a igreja faz ou omite, é responsabilidade dos que a administram.

O nosso amor a Deus deve ser evidente e frutuoso. Para colher amor, precisamos de o pôr a render. Mordomia é investimento de amor. □



—C. W. Fisher

“Roubará o homem a Deus? todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubámos? nos dízimos e nas ofertas alçadas”.

A ideia do dízimo não foi inventada pelos ministros. Na Bíblia, Deus fala abertamente sobre a obrigação de Lhe dar a décima parte que Lhe pertence.

Também não é prática exclusiva do Velho Testamento. No Novo Testamento, Jesus disse: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que dizimais e hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas” (Mateus 23: 23).

Segundo o Mestre, embora o dízimo não constituísse a obrigação mais importante, devia ser cumprido em obediência ao mandato de Deus.

Quando certo homem foi interrogado sobre a sua fidelidade em pagar as dívidas e seu descuido quanto ao dízimo, respondeu: “Talvez porque Deus não me obriga”.

Quer sejamos ou não obrigados, devemos evitar o roubo.

As Boas Novas do Evangelho declaram que se alguém roubar, terá perdão, no caso de se arrepende e confiar humildemente em Jesus Cristo. □

Foto por Rafael Serrano



“Operação André”

—Lázaro A. Valvassoura*

Um dos grandes mistérios do Cristianismo é o seu constante crescimento, mesmo num mundo de oposições espirituais e de materialismo. Qual o segredo deste mistério?

O instrumento que Deus usa para manter a dinâmica contínua do Cristianismo é o crente dedicado a Ele.

André era um homem comum que, ao encontrar-se com Jesus Cristo, teve sua vida transformada e passou a ser um ganhador de outras pessoas para o seu Senhor. Ganhou, primeiramente, alguém de sua própria casa—seu irmão—que se tornou mais tarde uma das mais sólidas colunas da Igreja.

O método de Deus continua sendo o homem. Quantas vezes ouvimos: “Se tivéssemos um programa de televisão . . .” ou “se comprássemos um meio de transporte . . .” ou “se possuísssemos um órgão de tubos . . .” Todas estas coisas são úteis como adicionais ao trabalho do homem escolhido por Deus, pois os utensílios não poderão fazer nada por si mesmos. Deus não unge objectos, mas homens e mulheres dedicados e consagrados a Ele.

A Igreja continuará a ser uma instituição misteriosa e indestrutível, enquanto tiver em seu seio pessoas com o espírito de André: “Achei o Messias, o Salvador” e, imediatamente, começar a levar seus parentes e amigos ao mesmo conhecimento.

As portas do inferno sempre se levantarão contra a Igreja, mas jamais prevalecerão contra ela, enquanto houver pessoas orando, trabalhando e declarando: “Achei o Messias! Achei o Salvador!” □

*Belo Horizonte, Brasil



Todos os países têm o seu dia no ano para comemorar a independência nacional. É então que se pensa, escreve e fala mais sobre a liberdade.

1. *A liberdade política tem o seu valor.* Nenhum sistema humano de governo é perfeito, mas os governantes, em muitos casos, procuram habilmente limitar aos cidadãos as liberdades garantidas constitucionalmente. É um grande privilégio viver num país onde o povo pode exprimir abertamente o seu desacordo e protestar contra injustiças. Essa liberdade não existe em todas as nações. Agradecemos a Deus a liberdade de que desfrutamos e procuremos resistir a tudo que se lhe oponha.

a liberdade é preciosa

—W. E. McCumber

Foto por José Pacheco

2. *A liberdade económica é um bem.* A liberdade de alguém poder investir as suas energias e aptidões de forma criativa e produtiva nem sempre é fácil, mormente, quando há preocupações constantes quanto ao sustento pessoal e ao de dependentes. A liberdade política e a económica estão intimamente relacionadas. Quando o povo tem fome, quase sempre tem comprometido a liberdade. Os governantes aproveitam o ensejo para se tornarem mais autoritários. Todo aquele que aprecia a liberdade pessoal e económica apoia as reformas tendentes a um nível de vida decente para os cidadãos.

3. *A liberdade religiosa é subli-*

me. Adorar a Deus conforme os ditames da consciência, sem perseguição do estado ou da igreja, é um direito e privilégio muitas vezes comprados a custo do sangue de mártires. Os países que gozam e protegem semelhantes liberdades, funcionam, por vezes, como bases para empreendimentos missionários noutros países menos favorecidos.

4. *A liberdade espiritual é a mais importante.* Quando Jesus Cristo nos liberta do pecado e da culpa, o nosso espírito triunfa em qualquer adversidade. Pode-se usufruir da liberdade espiritual mesmo quando as outras nos são negadas. Jesus Cristo, prisioneiro diante de Pilatos, era mais livre

que o Seu juiz. O apóstolo Paulo, encerrado na prisão, era mais livre que o carcereiro. Martinho Lutero, sob custódia e enquanto traduzia a Bíblia, era mais livre que os seus acusadores. John Bunyan, na cadeia de Bedford, sentia-se mais livre que as autoridades que exigiam em vão a renúncia da sua fé. Bonhoeffer, esperando o martírio nos campos de concentração, tinha o espírito mais livre que ninguém.

Demos graças a Deus pela liberdade. Mas ela implica decisões acertadas. Usá-la com bom senso faz parte da nossa mordomia. É sobretudo, para nós, motivo de regozijo a liberdade que desfrutamos em Cristo Jesus! □

Foto por Harold M. Lambert

Li, há dias, um cartaz em certo escritório que dizia:
*Deus pôs no nosso corpo duas partes importantes:
uma para nos sentarmos,
outra para pensarmos.*
O êxito depende da que usarmos mais.
Sentados . . . perderemos.
Pensando . . . venceremos.

Parece-me que são bem aplicadas ao tratarmos do orçamento do distrito.

Responsabilidade—autoridade—obrigação: três palavras em que se situa a área do nosso trabalho e os conceitos básicos que resumem o título: "Orçamentos". Para se pagar, receber e administrar devidamente o orçamento, deve haver mordomia e responsabilidade.

O bom funcionamento duma igreja depende dos conceitos bíblicos sobre a mordomia. Na nossa igreja, a mordomia e a "pregação da santidade" são fundamentais. Talvez alguns preferissem receber em vez de dar. Escolhei, pois: Sentados, perderemos; pensando, venceremos.

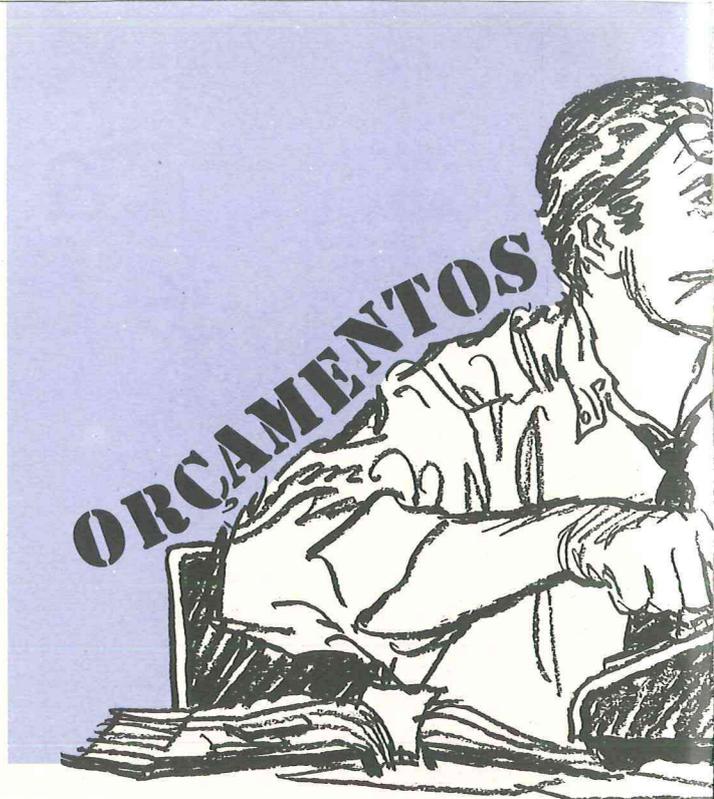
I. Desenvolvimento dum método financeiro adequado

A. Base prática e bíblica. Mark R. Moore diz: "A falta de projectos contribui para a fragmentação do programa total da igreja. Por vezes origina nas finanças competição entre os diferentes interesses.

Isaías declarou: "Porque o Senhor é um Deus de equidade" (30:18). E nós poderíamos acrescentar que o Senhor é Deus de ordem, de princípios e de bom senso. Nas palavras seguintes reflecte-se a mesma ideia: "cremos e ensinamos que o método bíblico de finanças da igreja consiste nos dízimos e ofertas" (Moore).

"Significado de Mordomia. Ensinam as Escrituras que Deus é Dono de todas as pessoas e de todas as coisas, que os homens são Seus mordomos tanto da vida como das suas possessões, que cabe ao homem reconhecer que Deus é Dono e ele mordomo, e que todos serão pessoalmente responsáveis perante Deus pelo desempenho da sua mordomia. Deus, como um Deus de sistema e ordem em todas as Suas relações, estabeleceu um sistema de contribuir que O reconhece como Dono e ao homem como mordomo. Por esta razão, todos os Seus filhos devem dizimar fielmente e dar ofertas para o sustento do evangelho (147, 362).

Dízimos à Casa do Tesouro. O costume de trazer o dízimo à Casa do Tesouro é bíblico e procedimento regular e prático de entregar o dízimo na igreja de que se é membro. Assim, o financiamento da igreja deve basear-se no plano de trazer o dízimo à Casa do Tesouro, e a igreja local deve ser considerada pelo seu povo como essa Casa do Tesouro. Todos quantos fazem parte da Igreja do Nazareno são exortados a contribuir fielmente com um décimo dos seus proventos, como sua obrigação financeira mínima para com o Senhor, e com ofertas voluntárias adicionais, consoante as posses que Deus der, para o sustento de toda a igreja, local, do distrito, da zona e geral" (*Manual 1976, 37, 37.1*).



O crescimento parte da igreja local. Por conseguinte, ela é a "Casa do Tesouro" onde se guardam os dízimos do povo de Deus (Malaquias 3:10). A mordomia tem fundamento bíblico e expressão prática quanto ao manejo dos recursos financeiros. Por sua vez, a igreja local é a base do orçamento distrital e geral. Os seguintes princípios são essenciais:

1. As igrejas locais dão, como mínimo, o dízimo das suas receitas para a evangelização mundial. Quer dizer que o orçamento geral constitui o salva-vidas para o cumprimento da Grande Comissão.

2. As igrejas locais têm a responsabilidade de colaborar em atingir os alvos que, de outra forma, não se conseguiriam. Por exemplo:

a. Sustento do superintendente de distrito e outros gastos relacionados com o seu ofício: orçamento distrital.

b. Abertura de novas igrejas: orçamento de missões domésticas.

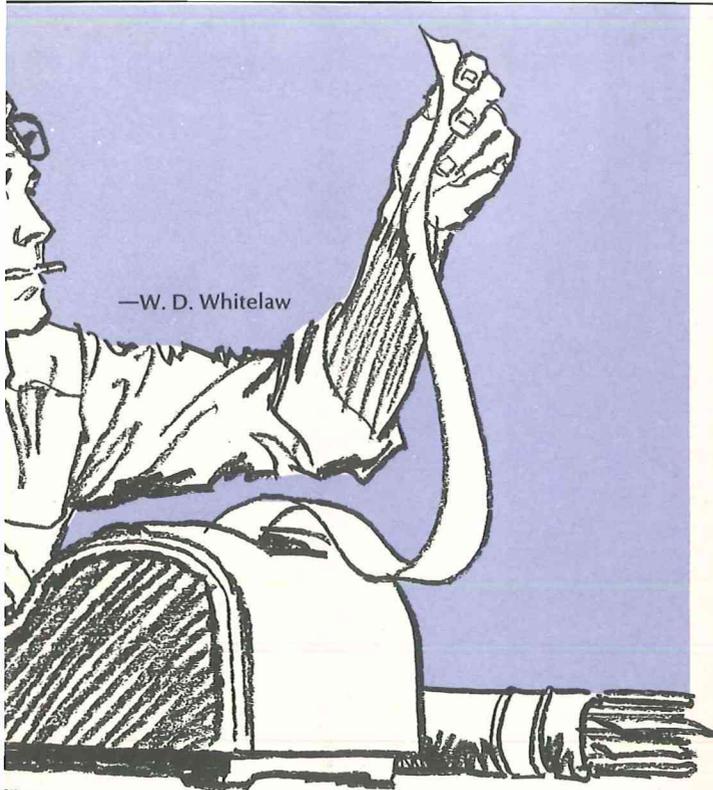
c. Outros orçamentos: Departamentos da Igreja.

3. A continuação do ministério e educação dos nossos jovens—*orçamento educativo*—dependem, geralmente, dos orçamentos distritais e regionais.

B. Estabelecimento de orçamentos. Depois de se determinar o número e natureza dos orçamentos necessários, o passo seguinte é estabelecer as somas totais e o quinhão que cabe a cada igreja local.

1. **Comité de finanças.** O comité de finanças, devidamente representado, deve reunir-se antes da Assembleia Distrital para verificar os recibos e registo de contas do ano transacto e estabelecer novo orçamento baseado na fé de que Deus ajudará o distrito a alcançar o alvo proposto.

2. **Quantia a fixar.** A maioria dos distritos, ao tratar o orçamento, fixa uma importância básica. O nosso considera a soma total do dinheiro recebido durante



—W. D. Whitelaw

o ano por cada igreja, a dedução do que se pagou e a média dos três últimos anos; e isto para se poderem controlar as oscilações especiais que, quase sempre, se verificam nas finanças duma igreja local.

3. *Percentagem.* A seguir determinam-se as percentagens dos orçamentos, de acordo com as possibilidades das igrejas locais. As mais fortes financeiramente terão percentagem mais elevada. Por exemplo, no nosso distrito as igrejas dão cerca de sete por cento para o orçamento distrital, quatro por cento para missões domésticas e cinco e meio por cento para a educação; além de nove por cento para o orçamento geral.

4. *Orçamento unificado.* Seria útil e mais simples cada igreja local dar certa quantia do "orçamento unificado", pois assim poderia entregar-se tudo num cheque, mensalmente.

É fácil uma igreja local, sob pressões financeiras, seleccionar os orçamentos a pagar. Num dos seus artigos, Allan W. Miller, diz: "A igreja local deve estabelecer, como alvo, pagar todos os orçamentos e dívidas. Quando em crise . . . deve equilibrar as áreas atingidas. Dar um orçamento e excluir outro, é o mesmo que prestar mais atenção às almas que se encontram "nos confins da terra" do que às da "Samaria" e "Jerusalém", ou vice-versa".

II. Efectivação do programa

A. *A motivação é primordial.* O orçamento deve ser considerado como um dever: o nosso objectivo principal é a proclamação do Evangelho e a edificação da Igreja.

1. O nosso primeiro superintendente de distrito deu prioridade à extensão, crescimento e estabelecimento de igrejas, por meio da pregação da santidade. Desde então, essa motivação-chave caracterizou o nosso orçamento.

2. O segundo apelou para os milagres de ordem financeira: resposta à nossa fé. Iniciou-se nova dimensão de responsabilidade. Em vez de oferecermos com tristeza, aprendemos a dar com alegria. A oferta especial para uma universidade triplicou o alvo proposto pela Junta Distrital.

3. O terceiro superintendente de distrito iniciou o método de trabalhar em "equipa". O seu ministério, à semelhança do de Barnabé, atribuía a grupos as responsabilidades.

4. O nosso povo pagará os orçamentos, quando:
os alvos forem claros e definidos;
compreenda a sua finalidade;
tome parte na fixação dos mesmos;
veja progresso
e participe na obra de Deus.

B. *Informação.* O relatório de finanças trimestral e anual tem ajudado muito o nosso distrito. O tesoureiro apresenta a soma total com o nome de cada igreja.

1. Como vai o nosso trabalho de "equipa"? (É importante saber se todos participam).

2. Como vai a nossa igreja local? (Cumpramos a nossa parte. Cuidado! Estamos a descuidar-nos um pouco).

É obrigatório enviar um relatório anual à Assembleia Distrital.

C. *Incentivo para colaborar.* Este também é importante. Podem praticar-se vários métodos. Nós usamos os seguintes:

1. Premiar com um livro, o pastor da igreja que pague todos os seus orçamentos.

2. Enviar uma carta pessoal de agradecimento à igreja local que tenha sido fiel nas suas finanças.

3. Ajudar a igreja local e o pastor, por exemplo, com uma "bolsa" especial de estudos ou viagem. Tem-se em conta a fidelidade na mordomia e orçamentos.

D. *Mordomia.* Parte do desafio da nossa missão resume-se em criar bom ambiente para o desenvolvimento da mordomia. Há alguns factores que contribuem para isso:

1. Estimular os pastores a pregar sobre a mordomia e a pô-la em prática.

2. Participar nos estudos denominacionais que tratam de assuntos relacionados com a mordomia.

3. Prover reuniões pastorais e campanhas referentes ao tema.

4. Certificar-se de que todas as finanças a nível distrital são administradas com responsabilidade e verificadas anualmente por um contabilista.

5. Não esquecer as ofertas especiais para missões, instituições de ensino, novas igrejas, etc. O pagamento sistemático dos orçamentos, provê a plataforma de lançamento para grandes êxitos.

Façamo-lo! Compreendamos o porquê e como. Planos sistemáticos garantirão bons resultados.

A nossa mordomia exige honestidade e responsabilidade. A dimensão do milagre de Deus operado em nós, deve conjugar-se com a obrigação de "pagar os orçamentos". □

CREDIÁRIO

—Eudo T. Almeida

Santo André, Brasil

Vender a crédito generalizou-se de forma catastrófica nos últimos tempos. Por toda a parte um convite tentador: *Crédito facilitado, crédito pessoal, crédito na hora, crédito imediato*. Aquele que quiser ser como “o Manel ou o João” cai na cilada e, por 24 meses, numa longa peregrinação, vai de casa à loja pagando um preço muito alto para os chamados créditos facilitados.

O mundo é hoje um verdadeiro super-mercado de vendas a crédito: pornografia, cigarros e álcool desportivamente facilitados; prostituição entre menores, criancinhas iniciadas nas discotecas em requieiros sensuais, etc. Tudo facilitado por pais e mães irresponsáveis. Você usufrui... mas paga com a honradez, dignidade, modéstia, saúde e carácter. O comprador vê o tempo passando, a podridão da alma avolumando-se, frustrações e desespero crescendo até provocar neuroses, velhice prematura e suicídios.

O crédito é *facilitado* pelo príncipe deste mundo.

Jesus nunca usou de métodos falsos para atrair os homens. Sua palavra foi sempre clara, sem artifícios de linguagem que pudessem pôr em dúvida os ouvintes quanto aos Seus propósitos. Ele condenou o olhar lascivo, a mão avara, a dureza do coração. Todo o mundo ouviu e viu que Ele não oferecia a salvação a qualquer preço.

O caminho é estreito, a porta é estreita; a renúncia deve ser total—parentes, propriedades, passado, presente e planos—tudo para trás, em segundo lugar, na nossa vida. Ele falou em levar cruzes, suportar afrontas e aflições. O autor da *Imitação de Cristo* escreveu: “Tem Jesus agora muitos discípulos que amam Seu reino celestial, mas poucos que abraçam a Sua cruz”.

Crédito fácil até para entrar no céu! A maneira como vemos e ouvimos certos “vendedores” a oferecerem o Evangelho, somos levados a crer que o Diabo está “evoluindo”.

Jesus falou de arrependimento sincero, violência para entrar; falou de restituição, entrega de corpo, alma e espírito; falou de morte total, crucificação.

Quando você ouvir que é “somente crer”, lembre-se que isso significa “crer para morrer” para o pecado; e não tem cheiro de crédito facilitado. É crucificação mesmo!

O Evangelho é o grande e incompreensível Amor que, sendo valorizado, levará o homem a renunciar às concupiscências mundanas para um viver “sóbria, e justa, e piamente” (Tito 2:12).

O crédito comercial custa tempo e é caro. O crédito que o mundo oferece, custa a perda da alma. O de Jesus é crer, e isto, é dom inefável. □

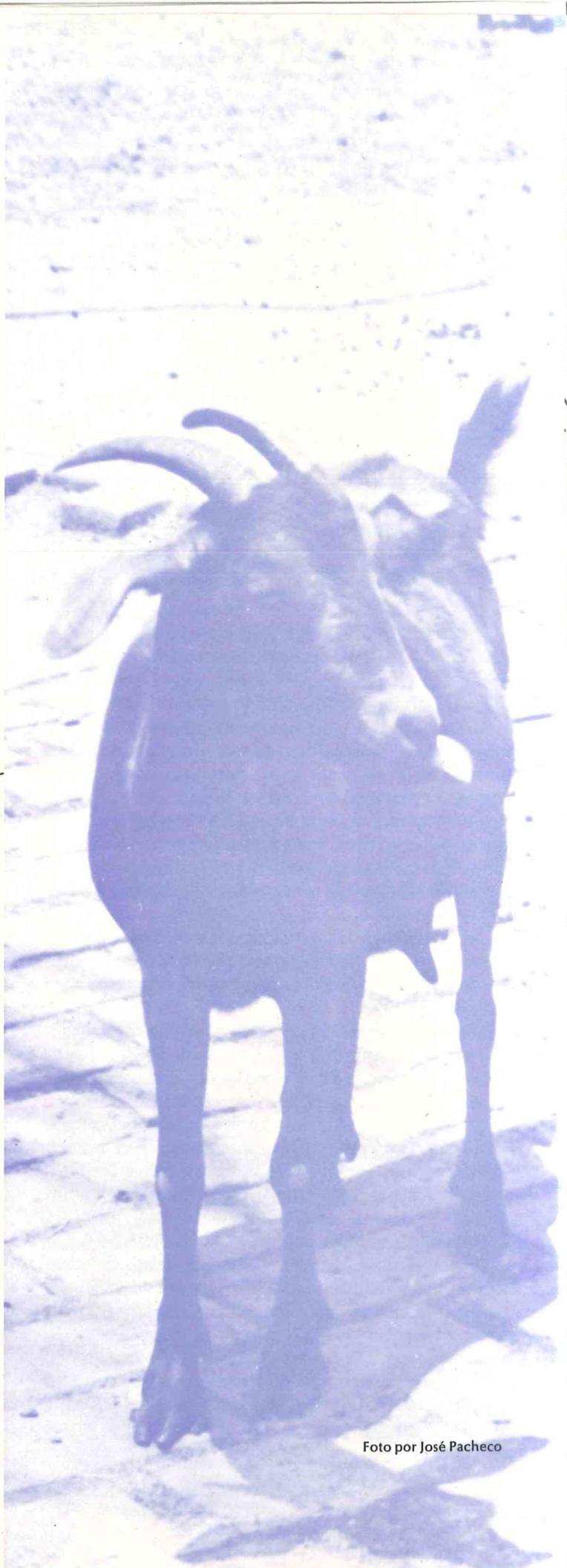


Foto por José Pacheco

mordomia do pouco

—W. T. Purkiser

O Dr. Paul S. Rees conta a história de dois camponeses que conversavam sobre mordomia. Um disse:

—Se tu tivesses 100 ovelhas, darias 50 para o serviço do Senhor?

—Sim, respondeu o outro.

—E se tivesses 100 vacas?

—De boa mente daria 50.

—E se fossem 100 cavalos?

—Ó, sim, entregaria 50.

—Mas, se tivesses duas cabritas, estarias disposto a oferecer uma ao Senhor?

—Não, respondeu rapidamente. Não tens o direito de me fazer essa pergunta, quando sabes que tenho duas cabritas.

“Esta descrição”, comenta o Dr. Rees, “é um espelho que nos mostra como somos humanos”.

É fácil ser generosos com o alheio. A prova da nossa mordomia revela-se na atitude quanto ao que possuímos. Alguém disse que a mordomia é “uma resposta honesta a Deus, a nós mesmos e ao próximo”.

Nem sempre controlamos o que recebemos, mas pensamos bem naquilo que damos.

Não se trata da “quantidade”, pois esta depende de cada pessoa e Deus.

Recordemos que nosso Senhor estava “assentado defronte da arca do tesouro” e “observava a maneira como a multidão lançava o dinheiro na arca do tesouro” (Marcos 12:41-42). Ainda hoje Ele mede a dádiva, não pelo que se dá, mas pela quantidade que alguém guarda para si.

As nossas ofertas especiais não perderam urgência. Aumentaram de importância ao exprimirem a Deus o agradecimento dum coração sincero.

Porém, acima do dinheiro, está o testemunho de milhares que adoram a Cristo ressurrecto e obedecem ao Seu mandato de “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura” (Marcos 16: 15). □

em boas mãos

Nós somos o barro
sobre a roda a girar
entre os dedos
do Oleiro, Deus.

Porções de lodo
tomam forma e significado
nas mãos do Mestre
que molda os destinos humanos.

Estas mãos
formaram e impulsionaram
as estrelas em órbita
no mundo cósmico.

Não nos podemos afastar
de mãos tão seguras e fortes,
nem mesmo quando sobrevêm
golpes repentinos
de sofrimento e mágoa inesperada.
As nossas vidas, em mãos tão habilidosas
não podem ser trabalho grutesco.

Lembre-mos nas aflições:
essas mãos corajosas
construíram outrora um Calvário. □

—L. Woodrum

A NOVA ALLIANÇA DE DEUS

—Fletcher Spruce

No capítulo 8 de Hebreus temos um quadro da Nova Aliança de Deus—Seu Novo Testamento—Sua nova relação com o povo. O escritor estabelece um contraste com a antiga aliança.

Há uma nova aplicação da lei de Deus (v. 10). Será colocada nas mentes e nos corações do povo de Deus—não somente gravada em tábuas de pedra.

Há uma nova relação divino-humana (v. 10): “Eles serão o meu povo”. O povo escolhido de Deus agora inclui crentes de todas as nações, raças, climas e áreas.

Há um novo conhecimento do Senhor (v. 11). Deus será real para quantos O procurarem. No Velho Testamento poucos tiveram esse conhecimento de Deus—Enoque, Abraão, Moisés e Isaías—mas agora, todos podem conhecê-LO pessoalmente.

Há um novo acesso ao julgamento: “Usarei de misericórdia com as iniquidades” (v. 12). O julgamento de Deus é temperado com misericórdia.

Há uma nova solução para o problema do pecado (v. 12). A confissão do homem, o arrependimento, a restituição originam o perdão de Deus. Ele também esquece o mal. Pecados confessados são esquecidos—não mais lembrados contra nós.

No capítulo 10, lemos dum novo acesso à presença divina (vs. 19-21). O véu que separava o povo do Lugar Santíssimo foi rasgado de alto a baixo com a morte de Cristo. Agora, todos temos acesso a Deus através do sangue de Jesus Cristo.

Há uma nova motivação no serviço (v. 24). Cada pessoa salva torna-se evangelista sob a nova aliança.

Há uma nova ênfase na assistência à igreja (v. 25). Em vez de um templo para adoração numa cidade santa, agora há milhares de lugares dedicados à adoração, louvor, comunhão, instrução e evangelismo. E a nova aliança de Deus diz a todos nós: Não faltes; assiste a todos os serviços e traz alguém contigo. Animem-se uns aos outros (ministério de visitação) a estar presentes: aproximem-se a vinda de Cristo! □

uma lição com Jó

—Zilta R. C. Oliveira*

“Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, o verão; e por isso, os meus rins se consomem dentro de mim” (Jó 19:27).

Glória a Deus pela capacidade e pela felicidade que Ele dá ao homem de, no meio do sofrimento, olhar além. Sentir antecipadamente saudade do momento em que todas as dores redundarão em bênçãos. Em que todas as provas se tornarão lições gravadas em livros, esculpidas na rocha... O sofrimento é a mais profunda fonte de inspiração para o homem que aprendeu a sair positivamente de situações negativas.

Ser barro nas mãos do oleiro é maravilhoso privilégio.

Ser moldado por Deus, ser revolido por dentro e por fora, e dizer convicto: “Porque eu sei que o meu Redentor vive!”

É maravilhosa a graça de poder crer,

poder confiar,
poder ver
e poder ser:

Nova criação de Deus!

Novo modelo de Deus!

Vaso de honra nas mãos de Deus!

Ser, como Jó, perdedor de bênçãos terrenas e ganhador de genuínas experiências espirituais... E deixar um testemunho escrito num livro esculpido nas pedras dos mais duros corações. □

*Brasília, Brasil

Os escribas e fariseus eram tão escrupulosos na observância da letra da lei, que até davam o dízimo da hortelã, endro e cominho. Jesus ensinou, nessa altura, que havia coisas mais importantes do que dar o dez por cento dos rendimentos.

O caso da viúva que Jesus observara a ofertar no templo, é típico—deu quanto tinha. Não só o dízimo, mas tudo. Conheço pessoas que dão a medo para a “casa do tesouro”. Suspeitam do emprego do dinheiro na obra de Deus. Outras, preferem distribuir o seu dízimo pelos pobres. É de notar que aquela mulher deu as suas moedas para o templo onde até havia corrupção. Não olhou para o modo como os homens as iriam administrar. Entregou-as a Deus. Desejaria dar muito mais, mas era tudo quanto tinha.

A nossa responsabilidade e privilégio é ser mordomos fiéis do que temos e colaborar no trabalho do Senhor. Qualquer desvio será da alçada de quem administra. O dar nem sempre é fácil. O pobre precisa de fé para o fazer. Talvez a viúva necessitasse de cada centavo que deu para viver. Mas abriu o seu coração e ofereceu tudo. A graça de Deus superabundou. “A sua profunda pobreza abundou em riquezas da sua generosidade” (II Coríntios 8:2). Imitemo-la nas nossas ofer-

tas. Jesus deseja que os Seus seguidores façam entrega total. “Se quiseres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres . . . e segue-me” (Mateus 19:21). No Evangelho de Lucas a mesma doutrina é aplicada ao nosso tempo: “Assim, pois, qualquer de vós que não renuncie a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo” (14:33). O que equivale a dizer que quem não pode dar alguma coisa, também não pode ser Seu discípulo.

O jovem rico falhou. As riquezas foram um estorvo para a ascensão espiritual que pretendia. Pediu conselho ao Mestre, mas achou a ladeira demasiado íngreme para a sua plataforma reli-

giosa. Não bastaria observar os mandamentos para herdar a vida eterna? Ao voltar as costas a Jesus, perdeu-se no vale das riquezas.

Exemplo edificante é o da mulher do vaso de alabastro. Devia ter reunido todos os seus haveres para angariar mais de 300 dinheiros com que comprara aquele precioso unguento de nardo puro. Além de dar o que tinha, com ele ofereceu o coração contrito. O verdadeiro valor não está na dádiva, mas no dador. Jesus elogiou-a: “Esta fez o que podia” (Marcos 14:8). Não será isto o que Ele, ainda hoje, espera de nós? Não basta dar o dízimo e ofertas alçadas—temos de incluir o coração. □

quanto devo dar?

—Acácio Pereira

Foto por Daniel D. Gomes



a chave oxidada



—A. J. Lown

Não existe pior cego que aquele que não quer ver: fecha os olhos à evidência ou verdade irrefutável.

Malaquias, profeta do Velho Testamento, notou essa atitude durante o seu ministério. Algumas pessoas clamavam com ar de inocentes: "Em que te roubamos?" (Malaquias 3:8), alegando que eram as únicas no mundo que ofereciam sacrifícios a Deus.

Nesse tempo, como no nosso, havia grande necessidade de avivamento. O que ocorrera com Neemias, Esdras e Zorobabel tinha passado. Surgira nova geração para a qual o avivamento era experiência de segunda mão. A religião tornara-se ritualista e mundana. O ministério de Malaquias destinava-se, principalmente, a evitar o fracasso no sustento da obra de Deus e que adorassem de forma rotineira.

À exceção dum fervoroso remanente, "as jóias do Senhor", que mantinha o testemunho da religião pura e clamava por avivamento, o povo era egoísta e praticava a maldade a coberta da hipocrisia. Desviara de Deus a honra, obediência, serviço e mordomia que Lhe eram devidos.

Ao avivamento está ligada a oração. É uma chave importante. Não a deixemos oxidar. Porém, o dízimo é condição indispensável para mover a mão de Deus. Malaquias reafirmou-o nesta passagem: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância" (3:10). É um plano divino e uma promessa. A mordomia e o sobrenatural estão indissolavelmente unidos.

O dízimo não foi inventado por Moisés, Abraão ou Melquisedeque. A sua origem, desconhecida

aos nossos olhos, está relacionada com Deus e incorporada na vida e adoração dos israelitas.

Jesus começou aos doze anos a praticar o dízimo. As Suas palavras denunciam a hipocrisia: "Deveis, porém, fazer estas coisas (incluindo o dízimo), e não omitir aquelas" (Mateus 23:23).

Não é uma verdade proeminente nas epístolas, mas está implícita na exortação de Paulo aos coríntios, quanto às ofertas ao Senhor. Um membro de igreja que vive sob a graça, não deve dar menos a Deus que o povo sob a lei moisaica.

O dízimo não é simples obrigação legal anotada nos livros da eternidade. É um dom de amor, um pacto sagrado e base da mordomia da vida e bens. Funciona como canal para o avivamento; e como meio de graça para o derramamento de bênçãos numa igreja local.

Defraudar a Deus significa prejudicar-nos a nós mesmos e à Sua Igreja. O dizimar e o receber bênçãos de Deus são inseparáveis. A chave oxidada do avivamento ainda hoje pode abrir as portas do Céu. □



O MUNDO PRECISA DE AMOR

—J. E. Johnson

Embora se fale muito acerca do amor, são poucas as pessoas que o compreendem. Para umas é apenas sentimento e emoção.

Para outras é atração física. Dizem que ora "estão apaixonadas", ora "não estão"; como se pudessem controlar o amor a seu bel-prazer.

A minha experiência em aconselhar casais mostra que várias pessoas, mesmo cristãs, não conseguem compreender o verdadeiro significado do amor. A Bíblia menciona este conceito e aplica a sua doutrina à nossa vida. Com ela teremos paz e harmonia na família.

Na Epístola aos Coríntios 13: 4-7, o apóstolo Paulo faz uma bela descrição do amor. Enumera algumas características:

1. O amor é sofredor e paciente. Precisamos dele nas nossas vidas e lares. Os cônjuges facilmente se aborrecem e descobrem faltas mútuas. O amor que é paciente e sofredor passa por cima delas e ama, apesar das fraquezas. É a maneira como Deus nos ama.

2. O amor é benigno. O egoísmo é o maior inimigo dos lares e das boas relações. Em geral, toda a gente pensa mais em si que nos outros. No entanto, o espírito de abnegação é a essência do amor.

Cristo exemplificou-o quando disse: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos" (João 15: 13). Cristo deu a vida por nós. Se somos cristãos genuínos, devemos sacrificar-nos uns pelos outros.

3. O amor é humilde e desprezencioso. A natureza humana deseja atenções. Espera sempre reconhecimento. Porém, aquele que imita Cristo ama e auxilia os outros sem esperar recompensa.

Necessidades ficam supridas, sempre que haja reciprocidade de amor.

4. O amor é optimista. Quando vê pontos fracos nas outras pessoas, procura superá-los. Vivemos numa época difícil para a sobrevivência do verdadeiro amor. Evitemos o espírito negativo que conduz à derrota. Afastemos dos nossos lábios as críticas destruidoras: sejamos positivos e optimistas.

5. O amor é eterno. Daí, a sua estabilidade. Certos matrimónios estão seguros por cordéis tão frágeis que se partem com qualquer ventania. As relações baseadas no amor de Cristo aguentam tempestades e duram vidas.

Toda a gente foge do egoísmo, ódio e discussões. Prefere-se a delicadeza do amor. Temos à mão uma chave. Usemo-la para abrir a toda a humanidade as portas do amor divino.

Seja esta a nossa oração: "Senhor, ensina-me o verdadeiro significado do amor—ajuda-me a amar as outras pessoas como a mim mesmo". Esta espécie de amor revolucionará a nossa vida, família e quantos se encontrem à nossa volta. □

ONDE ACHAR AMOR?

Os cânticos aqui reunidos respondem à pergunta. Dão o endereço de um Amor redentor, envolvente, eterno. Lembram, também, que, embora universal na sua extensão, ele é pessoal na aplicação. E a pergunta que se impõe não está tanto ONDE ACHAR AMOR?, mas qual a resposta que cada um de nós dá hoje à oferta de Deus:

Já Disseste Que Sim?

A combinação feliz de vozes jovens e um extraordinário arranjo musical tornam ainda mais preciosa a mensagem deste disco. Você vai gostar dele!

Faça a sua

encomenda à

CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES.

Preço: U.S.\$5.50



EUROPATISCHE BIBELSCHULE AND SEMINAR PHH
POSTFACH 109
8201 SCHAFFHAUSEN
SWITZERLAND

CERTIFICADOS

No desejo crescente de suprir as necessidades das igrejas, a CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES lançou novos e atraentes certificados.

Blocos de 25, papel de qualidade, impressão artística, cores vivas—excelentes para serem emoldurados.

Preço por bloco de 25—U.S.\$1.75

Também, cartão para visita pastoral.

Pacote de 100—U.S.\$2.00

Faça hoje o seu pedido à
CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES.

